



Encontro
da Rede **10**^o
de Estudos Rurais

**“Terra, Fome e Poder:
Desafios para o rural contemporâneo”.**

27 a 31 de Agosto de 2023, UFSCar, São Carlos – SP

A POTENCIAL IMPORTÂNCIA DA FEIRA LIVRE DE SELVÍRIA-MS PARA AUTONOMIA E EMANCIPAÇÃO DAS AGRICULTORAS FAMILIARES

Isabela Oliveira Santos¹
Thereza Fernanda Dos Santos Carvalho²
Natália Gabriela Rós Marques de Oliveira³
Antonio Lázaro Sant’Ana⁴

GT 1: Transformações nos modos de vida, violência e formas de resistência

RESUMO

Mesmo envolvidas em todas as tarefas da propriedade, na maioria das vezes, as mulheres não participam da decisão sobre os usos dos recursos e não têm acesso à renda gerada por seu trabalho. O trabalho tem o objetivo estudar a participação das agricultoras familiares na feira livre de Selvíria no Mato Grosso do Sul e sua importância para a construção de uma autonomia crítica dessas mulheres. A pesquisa foi dividida em três etapas, iniciando-se com a revisão bibliográfica; seguida da elaboração e aplicação de um questionário e análise dos resultados. Os dados básicos foram analisados com estatística descritiva e as respostas dissertativas com análise de conteúdo do tipo temática. O trabalho evidenciou a importância da Feira Livre de Selvíria na vida das agricultoras familiares, uma vez que conseguem exercer ali seu protagonismo e compartilhar experiências entre si, fato esse que pode auxiliar na conquista de uma maior autonomia. A pesquisa também revelou que persiste a jornada exaustiva a que essas mulheres são expostas, o que acarreta uma sobrecarga física e mental; e que somente parte das mulheres consegue identificar este trabalho excessivo e a menor participação nas decisões.

Palavras-chave: Agricultoras familiares, Autonomia, Comercialização.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Curso de Graduação em Engenharia Agrônoma, Av. Brasil Sul, 56-Centro, Ilha Solteira - SP, 15385-000, io.santos@unesp.br

² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Curso de Graduação em Zootecnia, Av. Brasil Sul, 56-Centro, Ilha Solteira - SP, 15385-000, thereza.carvalho@unesp.br

³ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Pós-Graduação em Agronomia, Av. Brasil Sul, 56-Centro, Ilha Solteira - SP, 15385-000, nataliarosm@gmail.com

⁴ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Professor Adjunto, Av. Brasil Sul, 56-Centro, Ilha Solteira - SP, 15385-000, lazaro.sant@unesp.br

INTRODUÇÃO

Os reflexos do capitalismo nas questões de gênero já foram descritos e discutidos por muitas obras dentro da literatura. Segundo Woortmann e Woortmann (1997), os homens, no modelo familiar camponês, cuidam do lado mais externo do sítio. Cabe ao homem enfrentar o desconhecido, seguindo os caminhos da dominação, lidando com as tarefas de atuar no meio político/econômico e nas relações com os centros urbanos. Já as mulheres responsabilizam-se pelo mundo de dentro: os serviços domésticos, o cuidado entorno da casa cercada por outras mulheres, o cuidado com as crianças, uma preocupação exacerbada com o sucesso da gravidez para garantir, assim, a continuação do legado. Nesse sentido, faz-se cada vez mais urgente a construção de novas formas de organização social e de economia, baseadas no combate às desigualdades sociais e de gênero e que priorizem as pessoas acima do lucro (BORZONE; 2019).

Na unidade familiar existem diferentes formas de acesso e controle sobre a terra e os demais recursos produtivos. Mesmo trabalhando em praticamente todas as tarefas da propriedade, na maioria das vezes, as mulheres não participam da decisão sobre os usos dos recursos ou sobre as prioridades de gastos da família e não têm acesso à renda gerada por seu trabalho, o qual muitas vezes é invisibilizado. Essa forma de organização da unidade produtiva leva a um comprometimento da autonomia pessoal e financeira das mulheres (SILIPRANDI E CINTRÃO; 2011).

De acordo com Faria (2009), a presença das mulheres no trabalho assalariado ou no campo não alterou em nada a sua responsabilidade quase exclusiva pelo trabalho doméstico e de cuidado. Para a manutenção da vida humana e seu bem-estar há um conjunto de necessidades como de afetos, segurança emocional que é parte das atividades realizadas no âmbito doméstico pelas mulheres. Para as mulheres a realização do trabalho doméstico e de cuidados pode se colocar como parte de sua identidade primária, assim como a maternidade é considerada inerente a sua existência e de realização nata.

Mesquita (2013) também afirma que geralmente, no meio rural, é o homem quem tem o papel de chefe na família, sendo considerado o maior responsável pela sobrevivência da mesma. Essa perspectiva, que coloca o homem como concentrador do saber e do poder, nega e torna invisível a importância do trabalho das mulheres para a sobrevivência da família agricultora. Dessa forma, compreende-se que toda relação de gênero é uma relação de poder.

Assim, a divisão de trabalho e as relações entre homens e mulheres é um produto social que legitima as relações de poder.

Saffioti (2004) salienta ao analisar a questão das desigualdades de gênero:

(...) no campo do gênero os homens como categoria social têm liberdade quase absoluta, desfrutam de autonomia, conceito político, coletivo, cujo significado é não necessitar pedir licença à outra categoria de sexo para realizar seus projetos, seus desejos. Já as mulheres como categoria social precisam solicitar autorização à primeira categoria. Isto reforça o argumento de que a independência pessoal, ainda que importante, não é suficiente para transformar a ordem patriarcal de gênero em uma ordem igualitária de gênero. Se a autonomia é privilégio de apenas uma categoria social de sexo, fica patente a hierarquia e, portanto, a desigualdade (...) (SAFFIOTI, 2004, p.50).

Concomitantemente, as mulheres, além de desenvolverem atividades domésticas durante a semana (contando sábado e domingo), apresentam possibilidades de lazer restritas à casa ou, quando em locais públicos, acabam sempre acompanhadas pelo marido ou pelas crianças, o que também se caracteriza como uma forma de restrição de atividades (ANDRADE; 2009).

Segundo Faria (2009), sabe-se que ainda falta muito para que se alcance um real reconhecimento econômico e de igualdade das mulheres. Neste sentido, a pandemia corroborou para a piora deste quadro. Um estudo conduzido nas Ilha da Escócia revelou que as mulheres ficaram com a maior parte da responsabilidade de educação em casa além do trabalho doméstico. Isso levou ao que muitas vezes é chamado de “fardo duplo” da carga de trabalho das mulheres. Os homens relataram não ter impacto negativo no seu bem-estar e até alegaram ter mais contato social com os parceiros. Já as mulheres relataram dificuldades mentais deste trabalho adicional, evidenciando que a pandemia teve resultados muito diferentes para homens e mulheres nas fazendas (BUDGE; 2023).

Nesse contexto, esse trabalho teve com o objetivo de estudar a participação das agricultoras familiares na Feira Livre de Selvíria, no Mato Grosso do Sul, e sua importância para a formação de uma autonomia crítica dessas mulheres. Buscou-se através deste, investigar e compreender também a dinâmica das explorações dentro da unidade familiar.

Avalia-se que esta pesquisa e seus resultados permitirão uma melhor caracterização e compreensão da situação dessas agricultoras na unidade familiar para assim permitir a criação, reforço ou reorientação de políticas públicas que valorizem o trabalho da mulher do

campo.

DESENVOLVIMENTO

O município de Selvíria, localizado na região leste de Mato Grosso do Sul, tem na produção vegetal e na pecuária bovina a base de sua economia e desenvolvimento. De acordo com Laluce (2013), os dados do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), mostram que em Selvíria há três Projetos de Assentamento (PA) implantados: o PA Alecrim, que ocupa área total de cerca de 1.530 hectares (ha), onde foram assentadas 83 famílias; o PA Canoas com área total de aproximadamente 4.774ha e 183 famílias e o PA São Joaquim no qual foram instaladas 177 famílias, em uma área total de 3.514,3ha.

Na primeira fase do projeto foi feita uma revisão bibliográfica, visando o aprofundamento teórico e metodológico a respeito dos temas da pesquisa, como os impactos de gênero no campo, o gargalo da comercialização e a importância da feira. Na segunda fase houve a elaboração de um questionário com a função de coletar características das agricultoras (nome, idade, escolaridade) e dados do estabelecimento e da produção por meio de uma série ordenada de perguntas que, posteriormente, foram tabuladas e organizadas, por meio de estatística descritiva (GIL, 2002). Além disso, o questionário permitiu caracterizar a Feira Livre e captar a complexidade das situações das mulheres e dos grupos domésticos.

Foram aplicados 22 questionários dos quais 17 foram respondidos por mulheres e 5 respondidos por homens. Os dados obtidos por meio do questionário foram tabulados e analisados por meio de estatística descritiva e, no caso das respostas abertas do questionário foi empregada a análise de conteúdo do tipo temática (CAREGNATO; MUTTI, 2006), além de ser considerada uma perspectiva comparativa em relação aos principais autores(as) desse seguimento de pesquisa.

Segundo Mulyaert (2014) o método qualitativo de pesquisa caracteriza-se por abordar às singularidades que são próprias dos indivíduos pesquisados. Além disso, permite capturar as tensões do campo, de maneira que as ressonâncias e dissonâncias de sentidos apareçam nas falas. Assim as narrativas permitem ir além da transmissão, fazendo com que a experiência seja revelada.

Dessa forma, a análise temática nos fornece uma descrição mais detalhada e diferenciada sobre um determinado tema específico ou grupo de temas, dentro da análise de dados. Ademais, envolve a busca a partir de um conjunto de dados, sejam originários de

entrevistas, grupos focais ou de uma série de textos, a fim de encontrar os padrões repetidos de significado (ROSA, MACKEDANZ; 2021).

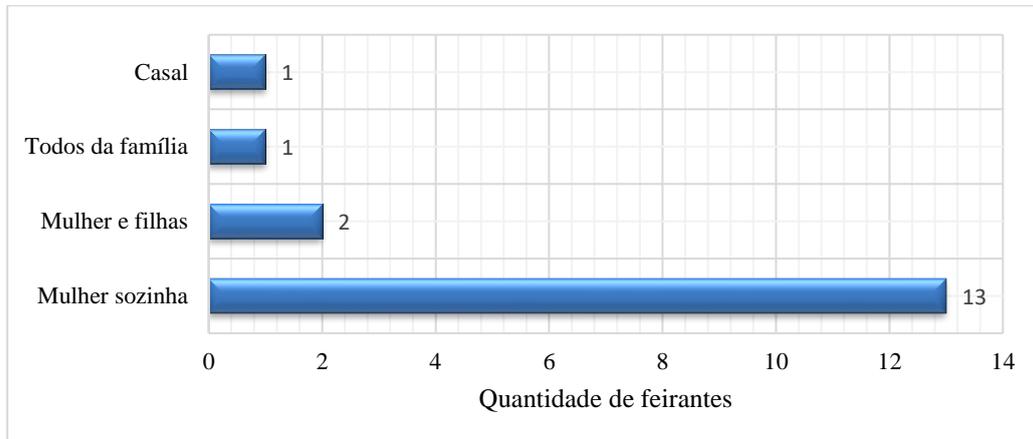
Foi possível perceber, analisando os dados dos questionários, a expressiva participação das mulheres na Feira Livre de Selvíria/MS. Do total de 22 questionários aplicados, 77 % (17 feirantes) foram respondidos por mulheres que estavam encabeçando a comercialização de seus produtos na Feira. Considerando-se que foram aplicados questionários a todos os feirantes presentes no dia, esse dado revela o protagonismo feminino na comercialização de produtos pela agricultura familiar. Segundo Faccin (2021) a entrada das mulheres em espaços de Feira Livre possibilita a criação de novas relações sociais e o desvencilhamento da esfera privada (FACCIN, 2021), fato esse observado na Feira.

Nesse contexto, a feira livre é um lugar onde ocorre a realização do comércio, do desenvolvimento local e, acima de tudo, de transformações sociais, onde as mulheres estão inseridas com papéis definidos na luta pela conquista de seus direitos e, conseqüentemente, aumento da sua autonomia (CARVALHO, 2021). Em consonância, as feiras pressupõem relações sociais de uma produção mais justa e igualitária, já que antigamente o ato da produção, venda e compra era “tarefa masculina” (SILVA, 2018).

Os resultados encontrados nos questionário vão em direção a pesquisa feita por Ramos (2021) que evidencia que o atual cenário é composto por mulheres empreendedoras que, ao procurar seu próprio espaço e visibilidade na sociedade, tornam-se independentes, já que esse é talvez o único meio de ter sua própria renda econômica, mesmo sendo desafiador devido a rotina exaustiva, desigualdades no mercado, dificuldades de aquisição de produtos, falta de experiência no ramo de trabalho, entre outros motivos.

Observa-se, no Gráfico 1, que na casa da grande maioria das feirantes entrevistadas quem cuida, exclusivamente, dos serviços domésticos e de cuidado são as mulheres.

Gráfico 1. Responsável/is por realizar os serviços domésticos e de cuidado no estabelecimento rural



Fonte: Elaborada pelos autores, 2023.

Apenas em uma casa eram todos da família os envolvidos com as responsabilidades de cuidado, o que seria um ambiente ideal onde há uma divisão justa dos afazeres. Uma feirante também relatou que as responsabilidades são partilhadas entre o casal. Em contraste, em 13 estabelecimentos os serviços domésticos e de cuidado ficam sobre responsabilidade das feirantes, evidenciando uma jornada dupla/tripla de trabalho, uma vez que essas agricultoras cuidam da casa, dos filhos e da comercialização na feira todas às sextas-feiras à noite. Ademais, uma feirante relatou que estas são demandas cumpridas por ela e as filhas, o que coloca novamente a responsabilidade dos serviços domésticos e de cuidado sobre uma figura feminina dentro da unidade familiar.

As mulheres acabam muitas vezes sendo responsabilizadas praticamente sozinhas pelo trabalho doméstico, no qual com frequência são auxiliadas ou substituídas pelas filhas, quando necessário. Assim como na pesquisa feita por Bezerra (2019), os dados mostraram que a realização e a responsabilidade pelo trabalho doméstico e de cuidados é geralmente das mulheres. Quando consultadas sobre o conjunto das atividades realizadas por elas, todas as mulheres relataram que são responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidados, explicitando a ausência de responsabilidade dos homens na esfera doméstica.

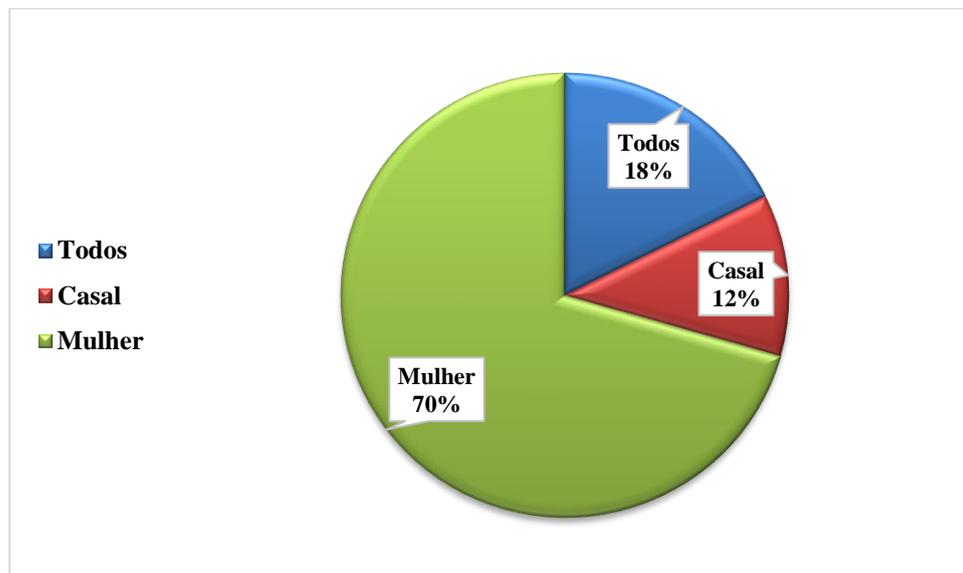
Para Alves (2016), o trabalho destinado à manutenção do bem-estar da família é anulado por ser visto como uma obrigação do gênero, caso em que se enquadra o trabalho doméstico, invisível para a economia formal. Além disso, o trabalho realizado por mulheres nas lavouras comerciais geralmente aparece como ajuda ao pai, marido ou, até mesmo, ao

filho, o que mais uma vez anula o trabalho feito pelas mulheres na parte produtiva e de comercialização.

No meio rural, as desigualdades entre homens e mulheres são expressivas e marcantes, baseadas em elementos que fazem distinção por gênero de forma hierarquizada, tais como a organização e a construção dos espaços do trabalho familiar. Na agricultura familiar, o trabalho é um elemento central da lógica econômica, baseando-se em uma rígida divisão de tarefas, onde são definidas as atividades próprias para os homens e para as mulheres (FACCIN, 2021).

Quando perguntado às feirantes quem elas achavam que trabalha mais na família (Gráfico 2), a grande maioria disse que são as mulheres, o que dialoga com as informações antes apresentadas e evidencia a sobrecarga do trabalho das agricultoras, o qual na maioria das vezes, não é considerado trabalho.

Gráfico 2. Opinião das Mulheres pesquisadas sobre quem realiza mais trabalho dentre os membros da família.



Fonte: Elaborada pelos autores, 2023.

Das 17 mulheres entrevistadas, 12 agricultoras (70,6%) acreditam que a mulher trabalha mais na família. Outras três mulheres (17,6%) dizem que todos na unidade familiar trabalham igual e apenas duas mulheres (11,8%) falaram que o casal faz uma divisão das tarefas. Esses dados evidenciam que as mulheres, mais uma vez, estão assumindo a responsabilidade dos trabalhos doméstico e produtivo na família e, conseqüentemente, ficam

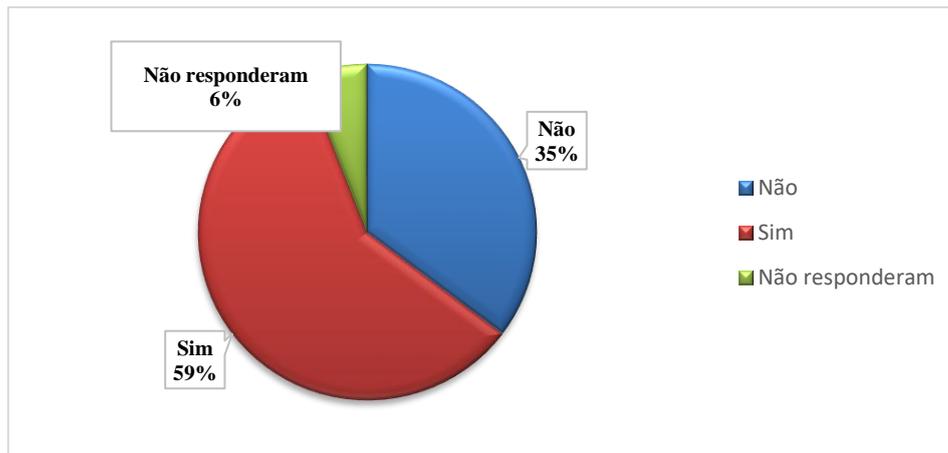
mais sobrecarregadas. As mulheres não têm apenas sua força de trabalho explorada, mas passam por um processo de apropriação do seu corpo todo, de seu tempo, de seus desejos, e isso se expressa de diferentes modos no cotidiano (BRUMER, 2014).

O Gráfico 2 dialoga com o anterior, pois, como os trabalhos de cunho doméstico e de reprodução acabam ficando sobre a responsabilidade das mulheres, essas ficam mais sobrecarregadas e acabam assumindo uma grande demanda de tarefas, o que prejudica sua participação em outras atividades que possam ter interesse. Em pesquisa realizada por Araújo (2005), em todos os tipos de atividades domésticas investigadas, a proporção de mulheres que as executava foi sempre superior à proporção daquelas que não executava nenhuma atividade.

A dupla jornada de trabalho implica em uma sobrecarga de trabalho para as mulheres, já que a divisão sexual do trabalho se mantém e os homens não participam nos trabalhos domésticos ou o fazem de uma forma muito pontual (BEZERRA, 2019) como é visto nos dados apresentados no Gráfico 2. Nenhuma entrevistada citou uma figura masculina como protagonista dos serviços domésticos e de cuidado. Dessa forma, em muitas situações, por conta dessa sobrecarga e exaustão das agricultoras, pode ser prejudicada a atuação de algumas mulheres em canais de comercialização como feiras e programas de compras públicas. Atrelado a isso, aspectos relacionados ao trabalho doméstico podem estar associados a repercussões negativas à saúde mental e física. Assim, o trabalho das mulheres não pode mais manter-se invisível, portador de atributos negativos e de pouco valor social (ARAUJO, PINHO, ALMEIDA; 2005).

Para compreender melhor a sobrecarga das mulheres foi perguntado se elas gostariam que algo fosse diferente com relação a divisão de tarefas dentro da unidade familiar. Como exposto no Gráfico 3, aproximadamente 59% delas responderam que gostariam de mudanças.

Gráfico 3. Opinião das Mulheres a Respeito da Necessidade de Mudanças na Divisão do Trabalho na Família



Fonte: Elaborada pelos autores.

Quando perguntado sobre o que elas gostariam que mudasse, as mulheres deixaram clara a necessidade de uma melhor distribuição das tarefas para assim terem mais tempo livre para outras atividades de seu interesse:

“Deveria haver uma divisão para ter mais tempo para outras atividades”

(Maria, feirante, 40 anos);

“Gostaria que o marido colaborasse mais em casa” (Kátia, feirante, 27 anos);

“Dividir melhor as atividades para ter mais tempo para outras coisas”

(Thereza, feirante, 57 anos).

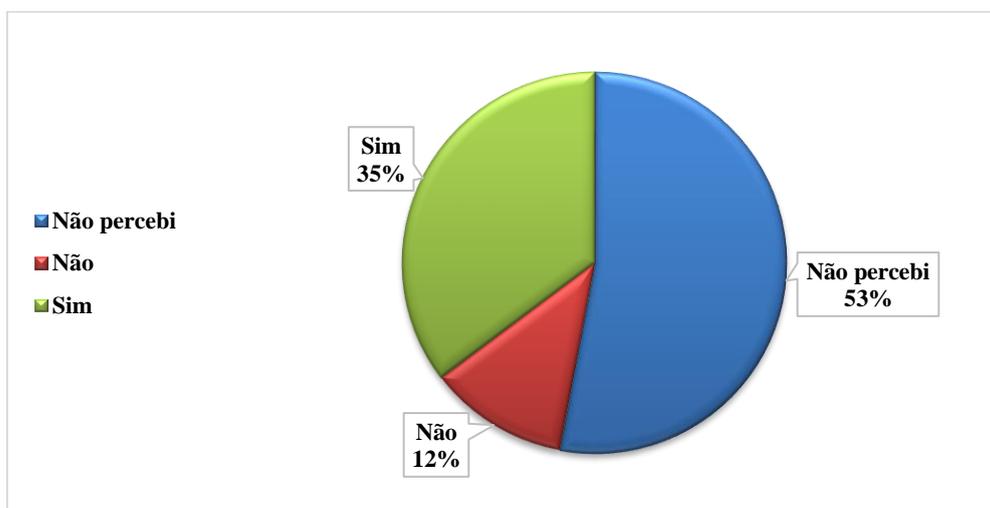
As falas acima confirmam a acentuada divisão sexual do trabalho que atinge as feirantes. Historicamente as mulheres rurais vivem sob a dominação masculina e o patriarcado, que se expressam na forma de opressão, violência e as subjagam como meras ajudantes (SILVA, 2018).

As mulheres agricultoras, segundo Mesquita (2013), possuem um papel fundamental na dinâmica da família. Não apenas como elemento da produção ou do trabalho, mas também como elemento da reprodução, pois são as responsáveis por preservar e transmitir valores, os quais podem ser vistos como estratégias de manutenção da qualidade de vida desses agricultores e das gerações futuras. Dentro deste contexto, a feira pode tornar-se uma aliada poderosa dessas mulheres contribuindo com sua emancipação e autonomia. A participação na feira possibilita a saída do espaço privado, muitas vezes associado ao isolamento, e a

participação em um espaço de socialização, onde elas se divertem, fazem amizade, estabelecem vínculos, criam redes de apoio mútuo (BEZERRA, 2019) e possuem momentos de troca de saberes com outras mulheres.

Uma parte expressiva (35%) dessas mulheres avaliam que, em muitos momentos, tiveram suas ideias silenciadas e ignoradas simplesmente por serem mulher, como é possível observar nas respostas contidas no Gráfico 4.

Gráfico 4. Opinião das Entrevistadas a respeito da existência de situações em que se sentiram desconsideradas por serem mulher.



Fonte: Elaborada pelos autores, 2023.

Foram expostas pelas agricultoras familiares situações desconfortáveis nas quais elas se sentiram restringidas e silenciadas de alguma forma ouvidas pelo fato de ser mulher:

“Me sentir sozinha e não poder sair muito” (Maria de Lurdes, feirante, 67 anos);

“Não deixa eu vender nos projetos de venda (Suzano, Eldorado, PAA), sem ser na feira” (Josefa Leite, feirante, 73 anos);

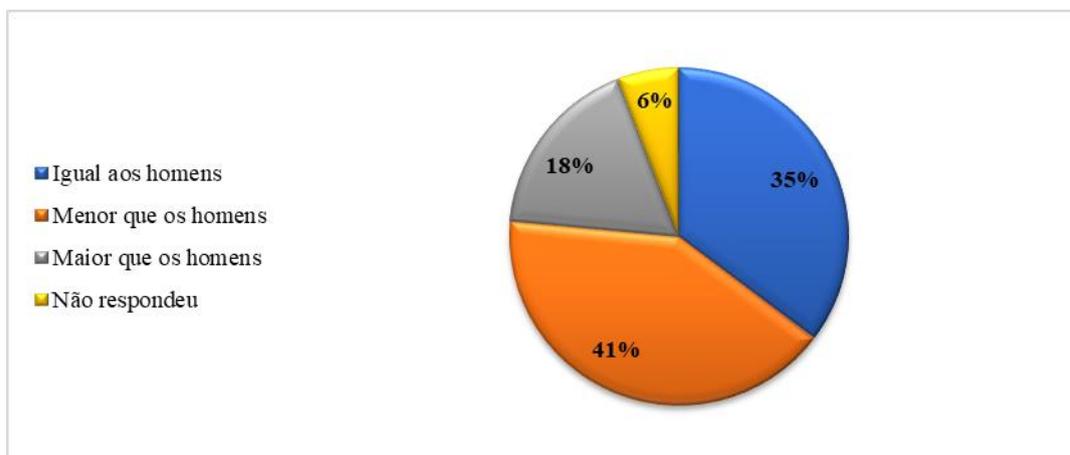
“Muitas pessoas não consideram minha opinião por eu ser mulher” (Ivone, feirante, 58 anos).

Mesmo essa sendo uma situação recorrente no campo e presente em várias situações, as mulheres ainda têm dificuldade de reconhecer ou identificar esses momentos de exclusão.

Os dados mostram que 35% das agricultoras entrevistadas já perceberam em algum momento atitudes nas quais suas ideias ou trabalho foram invalidados pelo fato de serem mulheres. Em contrapartida, 12% revelaram que não houve momento em que isso aconteceu. A maioria, no entanto, afirmou nunca ter percebido esse tipo de discriminação. O machismo é tão estruturado dentro da nossa sociedade que embora parte das mulheres exponha situações que as incomodam e atrapalham em seu cotidiano; grande parte ou a maioria não consegue identificar uma conexão entre essa situação e a questão de gênero.

O Gráfico 5 apresenta a visão das entrevistadas sobre sua participação nas decisões dentro da unidade familiar.

Gráfico 5. Avaliação das mulheres sobre sua participação nas decisões dentro da unidade familiar.



Fonte: Elaborada pelos autores, 2023.

Do total de mulheres entrevistadas, 7 (41%) relataram que sentem ter uma menor participação nas decisões, quando comparado aos homens. Seis agricultoras disseram que essa participação nas decisões é igual para homens e mulheres. Apenas 3 mulheres disseram que têm uma participação maior que a dos homens na tomada de decisão. Uma feirante não respondeu. Evidencia-se dessa forma que a maior parte das mulheres sentem que têm uma menor influência nesse momento de decisão do que a figura masculina.

A naturalização da divisão do trabalho impossibilita a participação feminina nos espaços de liderança, estabelecendo aos homens o poder sobre as decisões, o que contribui com a manutenção da dominação masculina, que perpassa vários campos e espaços sociais, incluindo as atividades referentes à feira livre (FACCIN, 2021).

Entretanto, a participação nestas feiras pode possibilitar o acesso das mulheres a uma renda própria alcançada pelo seu trabalho, a ser por elas administrada à medida que o diálogo e compartilhamento de experiência entre elas permite uma visão mais clara das relações de poder no âmbito familiar e pode fornecer apoio para a busca por mudanças (BRUMER, 2004).

Observou-se, entretanto, a dificuldade de aplicação do questionário em barracas onde as mulheres estavam junto com seus maridos. Esse fator fez com que essas agricultoras ficassem mais receosas com suas respostas. Em alguns casos foi captado um medo intenso da resposta perante eles, o que pode ser evidência do ambiente violento em que essas mulheres estão inseridas. Este efeito pode ter incutido um viés nos resultados dessa pesquisa, subestimando os resultados que já indicam o espaço restringido ocupado pelas mulheres. Nas próximas fases a equipe buscará avançar na análise dessas questões com outra metodologia, na qual essas mulheres não tenham que falar perto de seus maridos e que tenham um momento para interagir entre elas com maior possibilidade de troca de experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho evidenciou a potencial importância da Feira Livre de Selvíria na vida das agricultoras familiares, uma vez que nela conseguem exercer seu protagonismo e, conseqüentemente, entrar em contato com situações a permitir sua futura emancipação e autonomia. A pesquisa também revelou, no entanto, a persistência da jornada exaustiva a que essas mulheres são expostas, o que acarreta uma sobrecarga física e mental e prejudica diretamente sua atuação em outras atividades de interesse.

Em consonância, o trabalho também mostrou que o machismo estrutural é tão enraizado que faz com que as mulheres nem sempre identifiquem as situações de exploração em que são colocadas. Isso só fica claro quando comparamos algumas respostas que se contradizem. Essa percepção só foi possível por conta da escolha pela análise de conteúdo do tipo temática que consegue identificar essas oscilações entre os discursos.

Fica evidente que as mulheres só conseguirão alcançar uma autonomia plena quando as atividades domésticas e de cuidado forem divididas igualmente entre todas as pessoas da unidade familiar e deixem de ser vista apenas como uma obrigação atribuída ao gênero feminino. Além disso, são necessárias ações do Estado que permitam que essas mulheres encontrem políticas públicas que auxiliem e facilitem a comercialização de seus produtos, tendo em vista os múltiplos obstáculos que elas têm pelo simples fato de serem mulheres.

Por fim, constatou-se que a utilização de questionários nas feiras pode não ser o melhor método de coleta de dados, uma vez que essas mulheres podem estar acompanhadas de alguma figura masculina que as intimida. Assim, elas acabam não relatando com detalhes as questões que acontecem e a pesquisa fica prejudicada. Neste contexto, entrevistas direcionadas ou grupos focais podem ser alternativas mais interessantes por oferecerem um ambiente de acolhimento e escuta, no qual a mulher sinta-se à vontade para expor detalhes sobre seu cotidiano, facilitando a compreensão sobre as possíveis violências com quais convivem essas agricultoras.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nicole Fossile. **Ressignificação dos papéis sociais de mulheres na agricultura familiar de base agroecológica**. 2016. 140 p. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

ANDRADE, Rafael Júnio *et al.* Relações sociais de gênero no meio rural brasileiro: A mulher camponesa e o lazer no início do século XXI no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 01, p. 39-49, 2009.

ARAÚJO, Tânia Maria de; PINHO, Paloma de Sousa; ALMEIDA, Maura Maria Guimarães de. Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 5, p. 337-348, 2005.

BEZERRA, Antonia Geane Costa et al. Mulheres, gênero e agroecologia na feira de agricultura familiar de São José de Mipibu. **Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v. 2, n. 15, p. 66-97, 2019.

BORZONE, C. V.; ALMEIDA, R. A. Protagonismo das mulheres assentadas no Território Rural do Bolsão-MS: gênero, território e resistência camponesa. **Cadernos de Geografia: Revista Colombiana de Geografía, Bogotá**, v. 28, n. 2, p. 241-254, 2019.

BUDGE, H.; SHORTALL, S. Agriculture, COVID-19 and mental health: Does gender matter? **Sociologia Ruralis**, v. 63, S1, p. 82-94, 2023.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Reges. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.

CARVALHO, J. C. A. R. Mulheres feirantes: Cotidiano, trabalho, protagonismo e articulações

femininas na feira livre em Caetité - BA (1991 a 2019). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA, VERDADE E TECNOLOGIA, 31, 2021, Rio de Janeiro. **Anais História, verdade e tecnologia**, Rio de Janeiro, 2021.

FACCIN, Rodrigo Duarte. Percepções femininas sobre a participação em Feira Livre. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 4, p. 38256-38261, 2021.

FARIA, Nalu. Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural. In: BUTTO, Andrea (org.). **Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres**. Brasília: MDA, 2009. p. 11-28.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

MESQUITA, Livia Aparecida Pires de. **O papel das mulheres na agricultura familiar: a comunidade Rancharia**, Campo Alegre de Goiás. 2013. 137 p.

MUYLAERT, Camila Jacobina et al. Narrative interviews: an important resource in qualitative research. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 2, p. 184-189, 2014.

RAMOS, Nathacha Tello. **Empreendedorismo feminino: uma análise do perfil e realidade das mulheres feirantes na feira coberta do produtor "Raimundo Freitas" no município de Benjamin Constant - Amazonas**. 2021. 94 p.

ROSA, Liane Serra da; MACKEDANZ, Luiz Fernando. A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 16, p. 8574, 2021. ISSN 1809-0354.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero e patriarcado: violência contra mulheres. In: VENTURE, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. de. (Org.). **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 43-59.

SILIPRANDI, Emma; CINTRÃO, Rosângela. As mulheres agricultoras e sua participação no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). In: BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda (orgs.). **Autonomia e Cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural**. Brasília: MDA, 2011, p. 153-169.

SILVA, Mylena et al. Importância das feiras agroecológicas para as mulheres e para a construção da agroecologia. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

WOORTMANN, Ellen F., e Klaas WOORTMANN. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora UnB, 1997.